

## FLORBELA ESPANCA\*: A POETISA DE MIL AMORES

Rosalva Simões de Oliveira  
 Prof. Adjunto do Dep. de  
 Letras e Artes

**RESUMO** - *Florbela de Alma da Conceição Espanca, personalidade excepcional, de profunda riqueza interior, fez poesia da sua experiência de mulher. Considerada hoje uma das maiores poetisas portuguesas, optou por uma poesia ardente, marcada por forte dose de erotismo sincero e ousado para o seu tempo. Este estudo pretende destacar algumas das características da obra dessa poetisa, um dos caminhos para conhecê-la.*

**ABSTRACT** - *Florbela de Alma da Conceição Espanca, a woman of unusual personality and deep inner richness, wrote poems based on her own experience. She is now considered one of the greatest Portuguese poetesses. She chose to write burning poems, distinguished by a strong quantity of sincere eroticism which was daring for her days. This study aims at emphasizing some features of the world produced by Espanca which constitute one of the ways to know herself.*

Os primeiros poemas de Florbela, do conjunto *Esparsos*, iniciados aos oito anos de idade, surpreendem-nos pela temática,

*A vida e a morte são  
 o sorriso lisonjeiro  
 E o amor tem o navio  
 E o navio marinheiro.*

(\*) Florbela de Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa, no Alentejo, Portugal, em 08 de dezembro de 1894. Fez o Liceu em Évora e transferiu-se para Lisboa onde ingressou na Faculdade de Direito. Os dois primeiros livros publicados, *Livro de Mágoas*, 1919 e *Livro de Sôror Saudade*, passaram despercebidos à crítica. Poetisa da linhagem dos grandes torturados da época do Simbolismo, Florbela apareceu tardiamente, pois, na altura de 1920, chegara ao fim a geração a que se filiara. Morreu em 8 de dezembro de 1930, no dia em que completava 36 anos, em Matozinhos. Um dos seus amigos, Guido Batelli, publicou o livro *Charneca em Flor*, em 1931, e, só depois da sua morte, começou a crítica mais autorizada (Jorge de Sena e José Régio) a valorizá-la como uma das maiores figuras da poesia portuguesa.

pela destreza na formação das redondilhas, pelos recursos poéticos, pela conjugação dos decassílabos heróicos e sáficos, num casamento perfeito entre caracteres simbolistas e neo-românticos. Num soneto como "Rosas", o imaginário poético de Florbela manifesta, a respeito do que vai ser um dos seus temas favoritos ( as flores), entre o seu valor funcional e seu valor empírico do real:

*Branças, vermelhas ou de cor sombria  
Do desespero e do pesar mais fundo,  
Sois símbolos d'amor e d'alegria  
Vós sois a obra prima deste mundo!*

Segue-se a *Esparços, Trocando olhares* que, embora não seja um macrotexto, aparece preludiado como tal por uma quadra de *Dedicatória* que anuncia, a seu modo, séries de *Quadras d'Ele* e que antecipa também o fundamento do poeta amoroso:

*É só teu o meu livro; guarda-o bem;  
Nele floresce o nosso casto amor,  
Nascido nesse dia em que o destino  
Uniu teu olhar à minha dor!*

Ela o compôs em quadras, isoladas de preferência ou em seqüência de quadras e sonetos.

Em sua obra, principalmente de 1918 a 1930, predomina o soneto. Dentro desta pequena fórmula métrica e estrófica, ela se sente à vontade para transmitir a sua perturbante e sombria interioridade. Florbela aí se realiza, trazendo ao domínio poético os aspectos lírico-amorosos da sensibilidade feminina:

*Os meus lábios são brancos como lagos...  
Os meus braços são leves como afagos.  
Vestiu-os o luar de sedas puras...*

*Sou chama e neve branca e misteriosa...  
E sou, talvez, na noite voluptuosa,  
O' meu Poeta, o beijo que procuras!*

A sua poesia é de nossos mais flagrantes exemplos de poesia "viva". Toda ela nasce, vibra e se alimenta do seu muito real caso humano; do seu porventura demasiado real caso humano.<sup>1</sup>

Mas é no canto de amor que Florbela constrói a sua melhor poética feita de tristeza e ternura, de dor e de auto-complacência, de pranto e de projeção idílica, de desgraça e de vocação abençoada, nascido esse canto de uma passionalidade

malograda e compensado pela nostalgia cuja fraqueza e cuja força vêm da fatalidade que o determina:

*A lembrança dos teus beijos  
Inda na minh' alma existe,  
Como um perfume perdido,  
Nas folhas dum livro triste*

*Amar a quem nos despreza  
É sina que a gente tem*

Através dos seus versos, nota-se a exaltação dos sentidos, a ânsia do amor, o delírio da carne, a ternura, a paixão, a volúpia, numa linguagem desinibida que supera a hipocrisia e as convenções, poesia sem precedentes entre os portugueses, com tonalidades ora egofstas, ora de uma sublime abnegação, reminiscente de Sórora Mariana Alcoforado, alentejana como ela<sup>2</sup>:

*Horas profundas, lentas e caladas,  
Feitas de beijos sensuais e ardentes,  
De noites de volúpia, noites quentes  
Onde há risos de virgens desmaiadas...*

*Oiço as olaias rindo desgrenhadas...  
Tombam astros em fogo, astros dementes,  
E do luar os beijos languescientes  
São pedaços de prata p'las estradas...*

Embora um pouco retardatária, Florbela pertence à geração simbolista. A influência de António Nobre está presente nas primeiras composições dos tempos de estudante. Essa influência alcança “*Livro de Mágoas*”, publicado em 1919, caracterizando-lhe o esteticismo, o narcisismo e o culto literário da dor:

*“Poeta da saudade, ó meu poeta q' rido”  
“... ó' Anto!”  
“... os males de Anto toda gente os sabe!”*

A técnica do soneto, seu padrão poético, e aspectos estilísticos de alguns dos seus livros lembram Antero de Quental.

Alma paradoxal, ora tomada de sensualismo pagão, ora de pantefismo místi-

co, aqui orgulhosa, além humilde, agora ingênua, logo diabólica. Essa arte confessional de irrupções afetivas, como bem a estrutura rígidica do soneto, fazem com que ela apresente naturais descaldas de nível estético: lugares comuns sentimentais, adjetivação convencional, imagens gastas, etc. Apontamos:

*“Ando a chorar convulsa noite e dia...”*  
*“E a noite sou eu própria! A noite escura!...”*  
*“Gosto de ti apaixonadamente...”*

Entretanto, tem versos admiráveis como:

*“A essa hora dos mágicos cansaços...”*  
*“...Astros em fogo, astros dementes,”*  
*“A noite vem poisando devagar*  
*Sobre a terra...”*  
*“Morrem verbenas silenciosamente...”*

Metáforas brilhantes:

*silêncio de cinzas”*  
*“o vôo de um gesto”,*  
*“nervos, guizos de oiro”;*  
*“rendas do silêncio”*  
*“vento desgrenhado,”<sup>3</sup>...*

Os jogos vocabulares e paralelísticos tão queridos dos portugueses:

*“Saudades de Saudades que não tenho...”*  
*“Sonhos que são os Sonhos dos que eu tive...”*

Os aparentes descuidos ou improvisos que resultam em verdadeiros tesouros de sugestão:

*E à tua espera enquanto o mundo dorme*  
*Ficaria olhos quietos, a cismar...*  
*Esfinge olhando, na planície enorme.*

As cristalizações e formas lapidares que atingem o definitivo:

*São os teus braços dentro dos meus braços,*  
*Via Láctea fechando o infinito...*

As audaciosas invenções que elevam a expressão ao paroxismo:

*"Ah! podem voar mundos, mover astros  
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!..."*

*"E à volta, Amor... tornemos nas alfombras,  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras!"*

Ou supremos versos como vibrados, nus, que dão a impressão de não terem podido ser senão assim:

*"- Eu fui na vida a irmã de um só Irmão,  
E já não sou irmã de ninguém mais!"*

*"Dou-te o meu corpo prometido à Morte!"*

*"Olho assombrada a minha mão vazia."*

Seus motivos e símbolos obsessivos, os olhos e as mãos, estas principalmente, denunciam um tipo de erotismo feminino, pela insistência nas formas sublimadas: <sup>4</sup>

*"As minhas mãos esguias languescentes,"  
"E as minhas mãos uns pálidos veludos,"  
"As minhas mãos ( ... ) pairavam como pombas..."  
"As tuas mãos morenas milagrosas,"  
"Febre das minhas mãos na tua pele"  
"O' minhas mãos talhadas em marfim."*

Outros símbolos vocabulares:

### **O cipreste**

*"No silêncio de cinzas do meu ser  
Agita uma sombra de cipreste"*

*"Eu sei que fui a renda dum vitral,  
Que fui cipreste, e caravela, e dor!"*

## O Sol

*"E reza a voz dos sinos e das noras...  
O sol que morre tem clarões de auroras."*

*"Eu queria ser o Sol, a luz intensa,  
O bem que é humilde e não tem sorte!"*

## Os poentes de agonia

*"O meu doce poente torturado,  
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!"*

*"E o sol altivo e forte ao fim de um dia  
Tem lágrimas de sangue na agonia!"*

*"Poentes de agonia trago-os eu  
Dentro de mim e tudo quanto é meu."*

## O mar de mágoa

*"E a vastidão do mar, toda essa água  
Trago-a dentro de mim num Mar de Mágoa"*

*"Minh'alma sem amor é cinza e pó.  
Vaga roubada no Mar da Desventura"*

## A predileção pela cor roxa

*"A minha dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de martírios,"*

*"Fecho as pálpebras roxas quase pretas,  
Que poisam sobre duas violetas,  
Asas leves, cansadas de voar..."*

*"Os dias são outonos: choram... choram...  
Ha crisântemos roxos que descoram..."*

## A saudade

*"...E vou ver os meus olhos penitentes  
Vestidinhos de roxo, como crentes  
Do soturno convento da Saudade"!*

*"E quem dera que fosse sempre assim:*

*Quanto menos quisesse recordar  
Mais a saudade andasse presa a mim"*

A saudade oscila entre a nostalgia e a fenomenologia da Saudade de Pascoaes.

Como primeira opção, além da amostra acima:

*Vinde beijar-me a boca, ungir-me de saudade  
O' sonhos cor de sol da minha mocidade!*

E na quadra:

*Essa palavra tão doce,  
De tanta suavidade,  
Que me faz chorar de dor  
Quando a murmuro: é saudade!*

Na segunda opção, como traço distintivo da alma nacional:

*És filha d'ileta da noss' alma  
Da noss' alma de sonho e de tristeza  
Andas de roxo, sempre calma,  
Doce filha da gente portuguesa!*

*Em toda a terra do meu Portugal  
Te sinto e vejo, toda suavidade  
Como nas folhas tristes dum missal  
Se sente Deus! E tu és Deus, saudade!...*

A temática do fado e da saudade pertencem à mesma vertente:

*Meu Portugal querido, minha terra  
.....  
Tens o fado. A canção triste e bendita  
Que todos cantam pela vida fora,  
O fado que dá vida e que palpita  
Na calma da guitarra aonde mora!*

*Minha doce canção dos deserdados  
Meu fado que alivias desgraçados,  
Bendito sejas tu! Ave-Maria!...*

Desde muito jovem na poética de *Trocando olhares*, destaca-se o tema do fado, na "destinação desventurosa" da poetisa:

*É o fado. A canção das violetas:  
Almas de tristes, almas de poetas,  
Prá quem a vida foi uma agonia!*

Esta destinação desventurosa é "abissal e agônica" em:

*Ter dentro d'alma a luz de todo o mundo  
E não ver nada neste mal sem fundo  
Poetas meus irmãos, que triste sorte!...*

Também aí, a personalidade lírica de Florbela é evasiva:

*O' castos sonhos meus! O' mágicas visões!  
Quimeras cor de sol de fúlgidos lampejos!  
Dolentes devaneios. Cefnéas ilusões!  
Bocas que foram minhas, florescendo beijos!*

Casa-se a este modo evasivo o gosto pelo pitoresco dos clichês regionais ou pátrios, associados ao imaginário do maravilhoso popular:

*Casitas brancas do Minho  
Onde guardam os tesouros  
As fadas d'olhos azuis  
E lindos cabelos loiros,*

Na obra de Florbela, um meio de expressão freqüente é a mediação das flores e do luar, em versos de amor:

*Meu coração inundado  
Pela luz do teu olhar,  
Dorme quieto como um lírio  
Banhado pelo luar .  
"Oíço dizer: Seu rosto faz sonhar  
Serão pétalas de rosa ou de luar?"*

Estes mesmos elementos, em aspectos mais fecundos, abrangem campos semânticos diversos:

*Andam asas no ar; e raparigas,  
Flores desabrochadas em canteiros*

*Sois volúpias em flor! O' gargalhadas  
Doidas de luz, ó almas feitas risos!*

*Corre a noite de manso num murmúrio,  
Abre a rosa bendita no luar...  
Soluçam ais estranhos de guitarra...  
Oíço, ao longe, não sei que voz chorar...*

Prosseguindo, a mediação floral pode cruzar-se com remanescências da imagística desastrosa do fim do século:

*Tu beijavas as f'ridas carminadas  
Que em meus dedos faziam os espinhos  
Das rosas que coravam vergonhosas*

*Meu coração é ruína  
Caindo todo a pedaços,  
Oh! dá-lhe a era piedosa  
Bendita desses teus braços!*

A estilística litúrgica serve ao amor com algo de delicadeza:

*Digo pra mim  
Quando ele passa:  
Ave-Maria  
Cheia de Graça''!*

*E quando ainda  
mal posso vê-lo  
Bendito Deus  
Como ele é belo''*

Na primeira série de *As Quadras d'Ele* encontramos a imagem funérea:

*Desde que o meu bem partiu  
Parecem outras as cousas;  
Até as pedras da ruas  
Têm aspectos de lousas!*

*Quando por acaso as piso  
Perturba-me um tal mistério!...  
Como se pisasse à noite  
As pedras dum cemitério...*

Outro motivo é o sentimento religioso de ressonância cósmica, condensado nestes versos:

*Mistério das coisas! Em tudo existe  
Um coração que sente e que palpita  
Desde o sol rubro até a urze triste!*

*O mistério das coisas! Voz de Deus  
Em tudo eternamente sê bendita  
Na terra imensa assim como nos céus!*

Alguns poemas transpiram um pessimismo que ultrapassa o desengano amoroso para se constituir em visão derrotista do mundo ou vocação maldita do sujeito lírico. O apelo da morte aponta para um caminho próprio de Florbela:

*Os murmúrios dos ciprestes  
São doces canções aladas  
Serenatas de paixão  
Às almas enamoradas!"*

*Invejo estes doces sonhos  
Neste terreno funéreo  
Ai quem me dera dormir  
No meu lindo cemitério*

*Coveiros, só o corpo é novo  
Que há poucos anos nasceu;  
Fazei-me depressa a cova  
Que a minha alma morreu.*

Além da vocação para a morte, ganha força a poesia de uma Florbela estéril:

*Filhos! Na sua alma casta,  
A nossa alma revive...  
Eu sofro pelas saudades  
Dos filhos que nunca tive...*

Todas as suas imagens e tótons vocabulares são extremamente sugestivos pela união surpreendente do abstrato com o concreto.<sup>5</sup>

*Agora olhas-me tu altivamente,  
Sem sombra de desejo ou de emoção,  
Enquanto as asas loiras da ilusão  
Abrem dentro de mim ao sol nascente .*

*Se tu viesses ver-me hoje à tardinha  
A essa hora dos mágicos cansaços,  
Quando a noite de manso se avizinha  
E me prendesses toda nos teus braços...*

*Desde que em mim nasceste em noite calma,  
Voou ao longe a asa da minh'alma  
E nunca, nunca mais eu me entendi...*

Chegando a estados de aniquilamento que raros poetas atingem, mesmo numa lírica caracterizadamente emocional como a portuguesa, Florbela Espanca reflete uma fundamental insatisfação – ânsia de absoluto e de infinito:

*Esse verso de amor que te fizesse  
Ser eterno por toda a Eternidade!*

orna-se mais patético ao constatar o finito,

*E desse que era meu já me não lembro...  
Ah! a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos!...*

abrindo caminho à revolta que na sua vida se traduz em trágico epílogo.

Na obra de Florbela encontram-se, freqüentemente, gritos de idealização egolátrica:

*Porque sou Eu, e porque sou Alguém!*

*Sou eu! Sou eu! a que nas mãos ansiosas...*

*Porque o meu reino fica para além...  
Porque trago no olhar os vastos céus!  
E os oiros e clarões são todos meus!*

E na consciência, só aparentemente contraditória, de uma pluralidade conducente ao fracasso e à despersonalização:

*O pavoroso e atroz mal de trazer  
Tantas almas a rir dentro da minha!*

A poesia de Florbela é religiosa e pagã:

*Meu Deus dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de Princesa...*

*Que Deus faça de mim, quando eu morrer,  
Quando eu partir para o País da Luz,  
A sombra calma de um entardecer.*

E, numa carta ao seu amigo Guido Batelli, ela diz:

*Sou pagã e anarquista, como não poderia deixar de ser uma  
pantera que se preza...*

E num soneto de *Charneca em Flor* ela exclama:

*Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!*

Florbela é, essencialmente, sonho e angústia:

*Sou a irmã do sonho,*

É deste sonho e angústia que nasce a sua poesia de relevo eloqüente, forte e sincera, poesia onde a dor e o amor são os principais pontos altos.

Quer fugir da contigência humana, ora contemplando-se num êxtase narcísico:

*Princesa encantadora da quimera  
Meus olhos têm tom de pedra rara*

*Os meus gestos são ondas de Sorrento...  
Trago no nome a letra duma flor...  
Foi dos meus olhos garços que um pintor  
Tirou a luz para pintar o vento...*

ora buscando, o *Prince Charmant* que, para saciá-la, terá que ser:

*Outro e Outro num momento.*

Alonga-se em sonetos de mágoas, de desilusões de amor, de revolta contra o fado, de desalento que traz em si.

A sua poesia nasce, sobretudo, desse ponto em que o sonho acaba e a dor começa:<sup>6</sup>

*...A minha dor não cabe  
Nos cem milhões de versos que eu fizera.*

O que caracteriza Florbela Espanca é a insatisfação, a insaciabilidade, a ansiedade. Poetisa do amor como tantos outros portugueses, sobretudo através de suas atitudes amorosas, confessa os “transportes” dos seus sentidos, sem timidez. E é comovente como do seu esplêndido orgulho, não só de reação contra a mesquinhez circundante, mas, também, de consciência do seu excepcional destino, ascende às culminâncias do sacrifício e da renúncia:

*Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu Senhor  
Eu, doce e humilde escrava te saúdo”*

*E de mãos postas em sentida prece,  
Canto teus olhos de oiro e de veludo.*

*E se mais que eu um dia te quiser  
Alguém, bendita seja esta mulher  
Bendito seja o beijo desta boca!!*

Outros versos exprimem a impossibilidade de amor: ou se frustrou o encontro ou foi um desencontro. Nascem daí, então, as suas decepções:

*Tens sido vida para o meu desejo  
E agora que te falo, que te vejo,  
Não sei se te enconteri...se te perdi...*

*Deus fez-me atravessar o teu caminho.  
—Que contas dás a Deus indo sozinho,  
Passando junto a mim sem me encontrares?*

*Eu ando a procurar-te e já te vejo!...  
E tu já me encontraste e não me vês!...*

Sofre porque a sociedade não lhe compreende o conflito íntimo e a escorrega, por querer a realização de um amor que catalogam de imoral, sem lhe compreender o alcance e a altitude. Mais que a hipócrita condenação social, sofre a ausência dum “Outro”, ou melhor, do “Outro”, para satisfazer-lhe a ânsia dum amor mais forte que a vontade e as convenções burguesas:

*Eu quero amar, amar perdidamente  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais este, e Aquele e Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! e não amar ninguém!*

*Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!*

Às vezes seus sonetos exprimem um sentimento de amor, todo ternura e suavidade:

*És tu! És tu! Sempre vieste enfim!  
Oíço de novo o riso dos teus passos!  
És tu que vejo a estender-me os braços  
Que Deus criou para abraçar-me a mim!*

*Deixa-me andar assim no teu caminho  
Por toda a vida, amor, devagarinho,  
Até a morte me levar consigo...*

Mas, o que realmente predomina na obra de Florbela são os poemas de amor exaltação, desespero, paixão escaldante e alvoroço:

*“As tuas mãos tateiam-me a tremer...  
Meu corpo de âmbar harmonioso e moço,  
É como um jasmineiro em alvoroço  
Ébrio de sol, de aroma, e de prazer!”*

*“Frêmito do meu corpo a procurar-te,  
Febre das minhas mãos na tua pele  
Que cheira a âmbar a baunilha e a mel,  
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te.”*

*“Ama-me doida estonteadoramente,  
Ó meu Amor! Que o coração da gente  
É tão pequeno... e a vida água a fugir...”*

E explode em seu soneto “Volúpia”:

*No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!*

Muitas vezes, porém, esta paixão transmuda-se em amargo desengano:

*“Quis Deus fazer-me tua para nada!  
Vão os meus braços de crucificada,  
Inúteis, esses beijos que te dei!”*

*“Teu amor fez de mim um lago triste.*

*Quantas ondas a rir que não lhe ouviste  
Quanta canção de ondina lá no fundo!"*

E, finalmente:

*O amor dum homem? – Terra tão pisada  
Gota de chuva ao vento baloiçada...  
Um homem? – Quando eu sonho o amor dum Deus!...*

Assim se fecha o ciclo espera do amante, encontros com vários amados, sentimento de desencontro, negação do amor único e do grande amor; entrega ao amor só por amar, recusa de pertencer a alguém; total decepção do amor dos homens; apelo para o amor que não virá. Mas não há cronologia nesses passos do calvário amoroso de Florbela Espanca.<sup>7</sup>

Só Deus uno e absoluto poderá saciar aquela alma supremamente inquieta. Certo momento há em que Florbela acolhe-se a esse refúgio:

*Quem sabe este anseio de eternidade  
A tropeçar na sombra é a verdade  
E já a mão de Deus que me acalenta?*

Outro mal de Florbela foi ser ela demais para uma só, de não caber em si, de transbordar, digamos, dos limites de uma personalidade.

Doença que o talento ou o gênio podem tornar gloriosa; a mesma doença de outros poetas modernos portugueses; em dois dos maiores: Sá Carneiro e Fernando Pessoa. É com Sá Carneiro que melhor se aparenta Florbela Espanca, nessa natural sensação, não de duplicidade, mas de impessoalidade, despersonalidade, dispersão.

Daf, em sua obra, Florbela diz ter sido: princesa, infanta, monja, mais ainda: castelã, mística, dona, sóror, ainda: árvore, flor, pedra, terra; senão nuvem, som, luz... Narcisismo de Florbela com sinais demasiado humanos de sua fome de Absoluto:

*Estonteante fome, áspera e cruel,  
Que nada existe que mitigue e farte.*

Onde a feminilidade de Florbela se revela profunda é ante o seu complexo, ora de fraternidade, ora, sobretudo, de maternidade, e não só para com o amado como para com tudo quanto ame. É, em suma, na identificação do amado com o Sol e na de si própria com a terra que o Sol fecunda:<sup>8</sup>

*Que tu e eu, em beijos e carinhos,  
Eu a Charneca, e tu o Sol, sozinhos,*

A terra ; a charneca em flor; as árvores, que são filhas da terra e se desentranham em frutos; os lagos que se abrem ao sol e se fecham da terra para todos os lados – tudo não são coisas com que Florbela se identifica por ser supremamente mulher? símbolos femininos com que se torna ela própria simbolizante?

*“Olhos a arder em êxtase de amor,  
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:  
Sou a charneca rude a abrir em flor!”*

*“Ser nostálgico choupo ao entardecer  
De ramos graves, plácidos, absortos  
Na mágica tarefa de viver!”*

*“E nesse sonho eu já nem sei quem sou...  
O brando marulhar de um grande beijo  
Que não chegou a dar-se e que passou...”*

*“Um fogo fátuo rútilo, talvez...”*

Florbela diz no soneto “*Pantefismo*”:

*Vejo-me asa no ar, erva no chão,  
Oíço-me gota de água a rir na fonte,  
E a curva altiva e dura do Marão  
É o meu corpo transformado em monte!*

É freqüente em sua obra, principalmente em *Charneca em Flor*, essa passagem de ensimesmamento para a dispersão na natureza, para a transfusão nas coisas; ela é terra que recebe o sêmen do sol; sente-se ou visiona-se:

*“ramaria inquieta”  
“seiva,” “flor”, “fonte de água clara”,*

experimenta em si as dores da azinheira:

*Árvores! Corações, almas que choram,  
Almas iguais a minha, almas que imploram,  
Em vão, remédio para tanta mágoa!*

identifica-se com a paisagem alentejana:

*Ó alma da Charneca Sacrossanta,  
Irmã da alma rútila que eu tenho,*

*Dize para onde vou, donde é que venho  
Nesta dor que me exalta e me alevanta!*

sempre presente no seu tom e sugerida em sínteses primorosas:

*“a cabeleira loira dos trigais,”  
“a urze triste dos outeiros,”  
“os perfis delicados e trigueiros”<sup>9</sup>*

Uma tão obsessiva e poderosa capacidade de amar, sendo incorrespondida, derrama-se na Natureza, originando poemas de tons pantefsticos logo transformados em melancólica ternura pela terra-mãe, por Évora, pelos lugares da adolescência e por ela própria:

*“Ó minha terra, na planície rasa,  
Branca de sol e cal e de luar,  
Minha terra que nunca viste o mar,  
Onde tenho meu pão e minha casa.”*

*“Minha terra de tardes sem uma asa,  
Sem um bater de folhas... a dormirar...  
Meu anel de rubis a flamejar,  
Minha terra moirisca a arder em brasa!”*

E quem se viu demasiado impreciso, demasiado misterioso, demasiado ansioso, demasiado rico, fundo e exigente para os limites da vida, será de espantar “que principie o chão a fugir debaixo dos pés?”

A que um dia dissera:

*E a noite sou eu própria, a noite escura!*

também é a mesma que diz:

*Sonho que um verso meu tem claridade  
Para encher todo o mundo!...*

Mais tarde, a legítima e orgulhosa inspiração atinge um verdadeiro auge. Então, encontra suprema e complexa expressão no soneto “Mais Alto”:

*Mais alto, sim! mais alto, mais além  
Do sonho, onde morar a dor da vida  
Até sair de mim! Ser a Perdida,  
A que não se encontra!.....*

*Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber  
O mal da vida dentro dos meus braços,  
Dos meus divinos braços de mulher!*

Jorge de Sena <sup>10</sup> chamou a atenção para este soneto de Florbela; o que a muitos parece orgulho, megalomania, delírio, não é senão outro aspecto do que ao mesmo tempo, incapacitou Florbela para a vida do mundo, e a predestinou para a arte: o sempre querer mais.

Começando pelo vulgar sonho do amor de um, ei-la que chega ao amor por amar, ao sonho do amor de um Deus, ao amor cósmico...E não é de crer que em qualquer amor tivesse atingido, ou pudesse atingir descanso. Ela, que logo no *Livro de mágoas* escreve estes versos extraordinários:

*Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo prá me ver  
E que nunca na vida me encontrou!*

Exausta de esperar um amor integral, seus sentidos pedem repouso no solo de onde ela recebeu toda a força que lhe vai nas entranhas. A morte, agora, põe-se a substituir seu anseio de vida:

*“Deixar entrar a Morte, a Iluminada,  
A que vem prá mim prá me levar,  
Abri todas as portas par em par  
Cor:io asas a bater em revoada”*

*“Terra, quero dormir, dá-me pousada!...”*

A terra, com que chegara a identificar-se, recolheu-a um pouco mais cedo no seu vasto seio. No seu *Diário do Último-Ano*, no mês de fevereiro de 1930, uma das anotações é esta: *Estou tão magrita! A lâmina vai correndo a bainha, a pouco e pouco mas implacavelmente, com segurança. Devo ter por alma um diamante ou uma labareda e sinto nela a beleza inquietante e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.* <sup>11</sup>

Também são do seu **Diário do Último-Ano**:

Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, feia o que senti sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo-uma alma-se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser.E realize o que eu não pude: conhecer-me<sup>12</sup>

**NOTAS**

1. Jorge de SENA. *Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa*, p.18
2. Sórora Mariana ALCOFORADO, Religiosa em Beja, autora de *Cartas portuguesa* cartas de amor dirigidas ao francês Chamilly, oficial de cavalaria que esteve em Alentejo.
3. Celso Pedro LUFT. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*, p. 125.
4. José RÉGIO. "Florbela", Prefácio dos *Sonetos completos*, p. 18.
5. Jacinto do Prado COELHO et alii. *Dicionário de literatura*, vol. I A-M, p. 304.
6. Antonio Pereira D. de MAGALHÃES et alii. *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, "Verbo", p. 1 068-9.
7. Op. cit., nota 4, p. 17.
8. Ibid., p.22.
9. Op. cit., nota 5, p.305.
10. Op. cit., nota 1, p. 39.
11. Suplemento literário do Jornal *O GLOBO*, dez. 1984.
12. Op. cit., nota 4, p. 30-1.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AMORA, Soares A. *O Simbolismo; Presença da literatura portuguesa*. 3. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969. 272p. ( Presença da literatura portuguesa,4 )
- COELHO, Jacinto do Prado et alii. *Dicionário da literatura brasileira, portuguesa e galega e estilística literária*. 2 ed. Companhia Brasileira de Publicações, 1969. v.l.
- ESPANCA, Florbela da Conceição. *Sonetos*. 11 ed. Porto, Portugal, Livraria Tavares Martins.
- GUEDES, Rui. *Obras completas de Florbela Espanca; Poesias recolhidas, leitura e notas*. Lisboa, Publicação D. Quixote, 1985.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1937. 316p.
- MAGALHÃES, Antonio Pereira D. de et. alii. *Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura*. Verbo p.1068-9.
- MOISÉS, Massaud. *Literatura portuguesa moderna*. São Paulo, Cultrix, s. d., 459p.
- RAMOS, Feliciano. *História da literatura portuguesa*. 9. ed. Braga, Portugal, Livraria Cruz, 1967. 909p.
- RÉGIO, José. *Sonetos; Florbela Espanca*. 9. ed. Coimbra, Livraria Gonçalves, 1952. p. ( Prefácio dos "Sonetos completos" ).
- SARAIVA, Antonio José & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 8. ed. Porto, Portugal, Tipografia Bloco Gráfico, 1975.
- SENA, Jorge de. *Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa*. Porto, Portugal, Biblioteca Fenianos, 1947.
- SUPLEMENTO Literário. *Jornal O Globo*. dez. 1984.